

Rudyard Kipling

O LIVRO
DA SELVA

tradução de
José Francisco dos Santos

ilustrações de
J. Lockwood Kipling
e W. H. Drake

LIVROS DO BRASIL



OS IRMÃOS DE MOWGLI

Agora Chil, o Abutre, traz pra casa a noite
E o Morcego, Mang, não tem onde se acoite;
Gado que adormece em curral e choupana,
Enquanto o Clã de liberdade se ufana.
Eis a hora do orgulho e do poder;
Unhas, garras, colmilhos de raça,
Ouvi o grito: àquele, só àquele
Que à lei da selva se prende: boa caça!

Noturno da Selva

Eram sete horas duma tarde calmosa, nos Montes Seeonee, quando o Pai Lobo despertou do repouso diurno, coçou-se, abriu a boca e esticou as patas uma após outra, para se livrar da sensação dormente que tinha nas extremidades. A Mãe Loba jazia com o grande focinho cinzento caído sobre os seus quatro lobitos, que rebojavam e ganiam, e o luar entrava pela boca da caverna onde moravam. «*Augrh!*», disse o Pai Lobo. «São horas de voltar à caça.» E ia pular monte abaixo, quando um pequeno vulto de cauda peluda cruzou o limiar ganindo: «Boa sorte te acompanhe, ó Chefe dos Lobos; e boa caça e dentes rijos tenham teus nobres filhos, para que nunca se esqueçam dos famintos deste mundo!»



– Boa sorte te acompanhe, ó Chefe dos Lobos!

Era o chacal — Tabaqui, o Lambe-pratos — que os lobos da Índia desprezam, porque anda sempre em corridas a fazer maldades, a pregar patranhas e a comer restos e bocados de couro que encontra na lixeira da aldeia. Mas não deixam de o temer também, porque Tabaqui, mais do que qualquer outro bicho da selva, enraivece, e, nesse estado, esquece-se do medo e desata a correr pela floresta ferrando em tudo quanto encontra. Até o tigre foge a esconder-se quando o pequeno Tabaqui se dana, porque a raiva é a coisa mais vergonhosa que pode acontecer a uma fera. Nós chamamos-lhe hidrofobia, mas eles chamam-lhe *dewanee* — raiva — e fogem.

— Entra então a ver — disse-lhe o Pai Lobo secamente —, mas aqui não há nada que se coma.

— Não haverá para um lobo — disse Tabaqui —, mas para um ser mesquinho como eu, um osso esburgado é festim. Pois quem somos nós, os *Guidur-log* [a raça de chacais], para escolher? — E pirou-se para o fundo do covil, onde achou um osso de veado com uns restos de febras e pôs-se a rilhar uma ponta, muito contente.

— Muito obrigado por esta lauta refeição — disse, lambendo os beiços. — Que lindos são os nobres meninos! E que grandes olhos eles têm! E ainda tão novinhos! Mas, na verdade, devia ter-me lembrado de que os filhos dos reis são homens desde que nascem!

Ora Tabaqui sabia tão bem como qualquer outra pessoa que não há nada mais desastrado que elogiar crianças na sua presença; e sentiu prazer em notar que o Pai e a Mãe Lobos não gostaram da graça.

Tabaqui calou-se a saborear a maldade que fizera e depois disse malevolamente:

— O Grande Shere Khan mudou de campo de caça. Na Lua próxima vem caçar para estes montes; assim mo disse ele.

Shere Khan era o tigre que vivia na vizinhança do rio Wainganga, a vinte milhas dali.

— Não tem esse direito! — começou o Pai Lobo, encolerizado. — Pela Lei da Selva, não tem direito a mudar de residência sem pré-aviso.

Vai assustar todas as cabeças de caça na redondeza de dez milhas e eu, eu tenho de caçar por dois nestes tempos.

— A mãe não lhe chamou Lungri [o Coxo] sem razão — disse a Mãe Loba serenamente. — Nasceu coxo duma pata. É por isso que só mata gado. Os aldeões de Wainganga estão agora zangados com ele, e ele veio para aqui para irritar os nossos aldeões. Vão correr a selva em busca dele, quando estiver longe, e nós e os filhos teremos de fugir quando puserem fogo ao capim. Estamos deveras muito agradecidos a Shere Khan.

— Quereis que lhe fale da vossa gratidão? — disse Tabaqui.

— Rua! — cortou o Pai Lobo. — Rua, e vai caçar com teu amo. Para uma noite, já basta o mal que fizeste!

— Vou já — disse Tabaqui tranquilamente. — Podeis ouvir Shere Khan lá em baixo nos silvados. Podia ter-me poupado ao recado.

O Pai Lobo pôs-se a escutar, e lá em baixo, no vale que descia para um riacho, ouviu o ganir seco, irado, rosnado e monótono dum tigre que nada caçou e não se importa que toda a selva o saiba.

— O imbecil! — disse o Pai Lobo. — Começar a caçada noturna com tal barulho! Julgará ele que os nossos veados são como os seus bois gordos do Wainganga?

— *Xut!* Nem é boi nem veado que ele caça esta noite — disse a Mãe Loba. — É homem. — O ganir transformara-se numa espécie de ronrom zumbido, que parecia provir de todos os rumos da rosa dos ventos. Era o ruído que desnorteia lenhadores e ciganos que dormem ao relento e os faz fugir e, por vezes, meter-se na boca do tigre.

— Homem! — disse o Pai Lobo, mostrando a dentuça branca. — Que nojo! Não há nos charcos rãs e baratas bastantes para ele ter de comer homens e no nosso terreno, ainda por cima!

A Lei da Selva, que nada ordena às feras sem razão, proíbe comer homens, exceto quando matam para ensinar os filhos a matar, e então têm de caçar fora dos campos de caça da tribo ou da alcateia. A verdadeira razão disso é que matar um homem implica, mais cedo ou mais tarde, a chegada de homens brancos sobre elefantes, com espingardas e centenas de homens morenos munidos de gongos, foguetes e archotes. Então

todos os habitantes da selva sofrem. A razão que as feras apresentam entre si é que o homem é de todos os seres vivos o mais fraco e indefeso, e é pouco desportivo tocar-lhe. Dizem também — e isso é verdade — que os antropófagos contraem a sarna e perdem os dentes.

O ronrom tornou-se mais forte, e acabou no *Aaarr!* vigoroso do salto do tigre.

Depois ouviu-se um uivo — um uivo nada tigrino, soltado por Shere Khan.

— Errou a presa — disse a Mãe Loba. — Que é isto?

O Pai Lobo deu alguns passos a correr para fora e ouviu Shere Khan a resmungar e a rosñar ferozmente, rebolando-se no mato.

— O imbecil caiu na asneira de assaltar a fogueira dum lenhador, e queimou-se nas patas — disse o Pai Lobo com um grunhido. — Tabaqui anda com ele.

— Ouço qualquer coisa a subir a encosta — disse a Mãe Loba, fitando uma orelha. — Prepara-te.

Houve um sussurro nos arbustos do silvado e o Pai Lobo agachou-se, pronto para o salto. E então quem estivesse a observar teria visto a coisa mais extraordinária do mundo — o lobo travando a meio salto. Deu um pulo antes de ver a que coisa iria saltar e depois tentou deter-se. O resultado foi disparar verticalmente para o ar uns quatro ou cinco pés e cair quase no sítio donde partira.

— Homem! — cortou ele. — Um cachorro de homem. Olha!

Mesmo diante dele, segurando-se a um ramo baixo, erguia-se uma criança morena e nua, que mal sabia andar — amostra de gente —, tão macia e tão gorduchinha como jamais viera de noite a covil de lobo. Ergueu os olhos para o focinho do Pai Lobo e riu-se.

— Isso é cachorro de homem? — perguntou a Mãe Loba. — Nunca vi nenhum. Chega-o para aqui.

Um lobo habituado a transportar os seus próprios filhos é capaz, sendo preciso, de pegar num ovo com a boca sem o partir e, embora o Pai Lobo cerrasse os queixos mesmo nas costas do menino, nem um dente lhe arranhou a pele ao pousá-lo no meio dos lobitos.

— Que pequenino! Que nuzinho e que ousado! — disse brandamente a Mãe Loba. O bebé abria caminho pelo meio dos lobitos para se abeirar da pele tépida. — Eia! Está a comer com os outros. Este é então um cachorro de homem. Ora já haveria lobo que se pudesse gabar de ter um cachorro de homem entre os filhos?

— Mais duma vez ouvi já falar de casos desses, mas nunca na nossa alcateia ou em minha vida — disse o Pai Lobo. — Não tem um só cabelo na pele e eu podia matá-lo com uma leve patada. Mas repara como nos olha sem medo nenhum.

Nisto, faltou o luar à entrada do covil obstruído pela grande cabeça quadrada e largos ombros de Shere Khan. Tabaqui chiava atrás dele:

— Meu senhor, meu senhor, foi aqui que ele entrou!

— Shere Khan dá-nos grande honra — disse o Pai Lobo. Mas tinha os olhos cheios de cólera. — Que deseja Shere Khan?

— A minha presa. Um cachorro de homem entrou para aqui — disse Shere Khan. — Os pais fugiram. Dai-mo.

Shere Khan atirara-se à fogueira dum lenhador, como o Pai Lobo dissera, e estava furioso com a dor das queimaduras das patas. Mas o Pai Lobo sabia que a entrada do covil era estreita de mais para dar passagem a um tigre. No sítio onde estava, Shere Khan tinha os ombros e as patas dianteiras encolhidos por falta de espaço, como um homem os teria se tentasse bater-se dentro duma barrica.

— Os lobos são um povo livre — disse o Pai Lobo. — Recebem ordens do chefe da alcateia, e não de qualquer matador de gado, às riscas. O cachorro de homem é nosso — para o matarmos, se quisermos.

— Se quisermos? Quem fala aí em querer? Pelo touro que abati, terei de estar de nariz metido neste canil à espera do que me é devido? Sou eu, Shere Khan, que fala!

O rugido do tigre encheu o covil como um trovão. A Mãe Loba sacudiu de si os lobitos e avançou dum salto, com olhos que no escuro lembravam duas luas verdes, a desafiar o olhar chamejante de Shere Khan.



O rugido do tigre encheu o covil como um trovão.

— Sou eu, Raksha [o Demónio], que respondo. O cachorro de homem é meu, Lungri — meu e só meu! E ninguém o matará. Viverá para correr com a alcateia e caçar com a alcateia; e no fim, repara bem, caçador de cachorrinhos nus, papa-rãs, mata-peixes — caçar-te-á a *ti*. E agora retira-te, senão, pelo sambar que matei (*eu não como gado morto de fome*), vais voltar para a tua mãe, fera queimada da selva, mais coxo do que vieste ao mundo! Vai-te!

O Pai Lobo assistia espantado. Quase se esquecera já dos tempos em que conquistara a Mãe Loba em luta leal com cinco outros lobos, quando ela corria com a alcateia, e não era por simples cortesia que lhe chamavam O Demónio. Shere Khan poderia enfrentar o Pai Lobo, mas nunca lutar com a Mãe Loba, pois sabia que onde se achava ela tinha todas as vantagens do terreno e bater-se-ia até à morte. Por isso recuou da boca do covil rosnando e, quando se viu livre, bradou:

— Cada cão ladra em casa do dono! Veremos o que diz a alcateia à criação de cachorros de homem. O cachorro é meu e aos dentes me há de vir parar no fim, ó ladrões de rabo de vassoura!

A Mãe Loba atirou-se ao chão ofegante no meio dos filhos e o Pai Lobo disse-lhe gravemente:

— Shere Khan, nisto, fala verdade. O cachorro tem de ser apresentado à alcateia. Queres ainda conservá-lo, Mãe?

— Conservá-lo! — disse ela, arquejante. — Chegou nu, de noite, só e esfomeado; todavia, não tinha medo! Olha, já empurrou um dos meus miúdos para o lado. E aquele carneiro coxo queria matá-lo e fugir depois para o Wainganga, enquanto os aldeões aqui nos invadiam os covis para se vingarem! Se o quero conservar? Pois que dúvida? Está quieto, rãzinha. Ó Mowgli — pois Mowgli, a Rã, te chamarei —, tempo virá em que darás caça a Shere Khan como ele ta deu a ti.

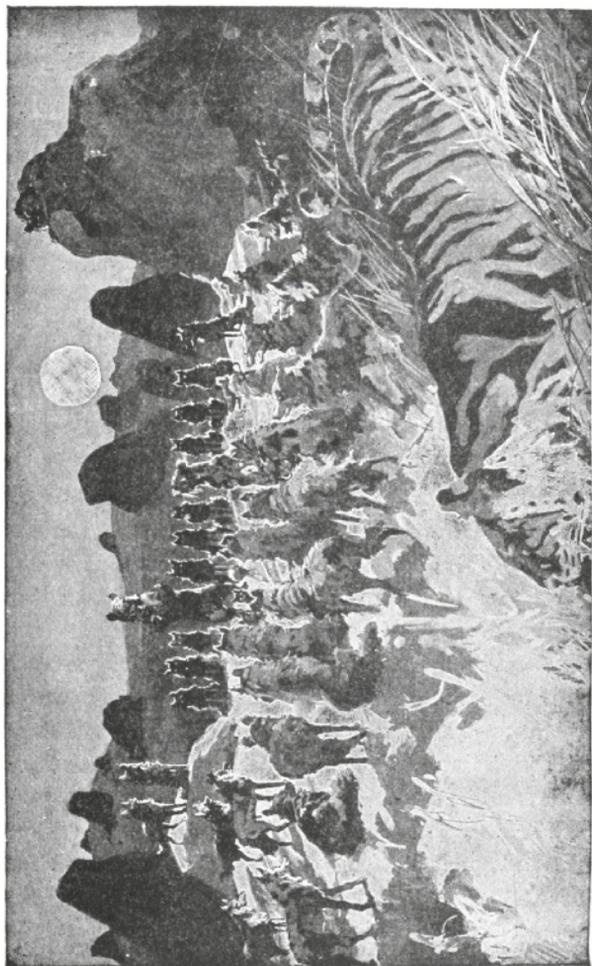
— Mas que dirá a nossa alcateia? — disse o Pai Lobo.

A Lei da Selva determina com toda a clareza que todo o lobo pode, quando casa, retirar-se da alcateia a que pertence; mas, logo que os filhos que tiver estejam em idade de se aguentarem de pé, tem obrigação de os apresentar no Conselho da Alcateia, que se efetua geralmente uma

vez por mês pela lua cheia, para que os outros lobos os conheçam. Depois dessa observação, os lobitos podem andar por onde lhes apetecer, e, enquanto não tiverem abatido o seu primeiro gamo, o lobo adulto da alcateia que mate algum deles não tem perdão. A pena é a morte para o assassino, se este for descoberto. E, se ponderarmos um momento, veremos que tem de ser assim.

O Pai Lobo aguardou até que os filhos pudessem correr um bocadinho e depois, na noite da reunião da alcateia, levou-os e a Mãe Loba à Rocha do Conselho — o cimo dum cabeço coberto de pedras e calhaus, onde uma centena de lobos podia ocultar-se. Akela, o grande lobo cinzento solitário, que governava a alcateia por força e astúcia, jazia a todo o comprido no seu rochedo e, abaixo dele, sentavam-se quarenta ou mais lobos de todos os tamanhos e cores, desde os veteranos atexugados, que só por si dominavam um gamo, até aos novatos pretos de três anos, que se julgavam capazes de fazê-lo. Havia agora um ano que o Lobo Solitário os dirigia. Caíra duas vezes numa armadilha em novo e outra vez tinham-lhe dado tal sova que o deixaram por morto; conhecia pois os usos e costumes dos homens. Pouco se falava na reunião. Os lobitos reboavam uns sobre os outros no meio do círculo onde as mães e os pais estavam sentados, e, de quando em quando, um lobo adulto aproximava-se tranquilamente dum lobito, observava-o com atenção e voltava para o seu lugar com passos silenciosos. Por vezes uma mãe empurrava o seu lobito bem para o luar, para ter a certeza de que não o tinham passado em claro. Do seu rochedo, Akela bradava: — Conheceis a lei — vós conheceis a lei. Reparai bem, ó lobos! — E as mães ansiosas repetiam o brado: — Reparai, reparai bem, ó lobos!

Por fim — e as cerdas do pescoço da Mãe Loba retesaram-se ao chegar o momento — o Pai Lobo empurrou «Mowgli, a Rã», como lhe chamavam, para o centro, onde ficou sentado a rir e a brincar com uns seixos que reluziam ao luar.



A Assembleia da Rocha do Conselho.

Akela não levantou a cabeça das patas, mas continuou com brado monótono: — Reparai bem! — Ouviu-se por detrás do rochedo um rugido abafado, a voz de Shere Khan bradando: — O cachorro é meu. Entregai-mo. Que tem a gente livre que fazer com um cachorro de homem? — Akela nem sequer mexeu as orelhas e disse apenas: — Reparai bem, ó lobos! Que tem a gente livre que ver com as ordens de quem quer que seja, senão do povo livre? Reparai bem!

Seguiu-se um coro de rosnadelas fundas, e um jovem de quatro anos arremessou de novo a pergunta de Shere Khan a Akela:

— Que tem a gente livre que ver com um cachorro de homem? — Ora, a Lei da Selva preceitua que, havendo qualquer disputa sobre o direito de um lobito ser aceite pela alcateia, precisa de ser defendido pelo menos por dois membros da alcateia que não sejam seu pai nem sua mãe.

— Quem defende este cachorro? — perguntou Akela. — Entre a gente livre quem fala por ele? — Ninguém respondeu, e a Mãe Loba preparou-se para o que sabia ser o seu último combate, se fosse preciso bater-se.

Então o único animal estranho admitido no Conselho da Alcateia — Baloo, o urso pardo sonolento, que ensina aos lobitos a Lei da Selva, o velho Baloo que pode andar por onde lhe apetece, porque não come senão nozes, mel e raízes — ergueu-se sobre as patas traseiras e grunhiu:

— O cachorro de homem? O cachorro de homem? — disse. — Falo *eu* pelo cachorro de homem. Um cachorro de homem não faz mal nenhum. Não sou orador, mas falo a verdade. Deixai-o andar na alcateia e admiti-o como aos outros. Eu próprio o ensinarei.

— Precisamos doutro ainda — disse Akela. — Baloo já falou, que é mestre dos nossos lobitos novos. Quem acompanha?

Uma sombra negra caiu dentro do círculo. Era Bagheera, a Pantera Negra, preta retinta toda ela, mas com as manchas de pantera a aparecerem com certos reflexos como um padrão de seda ondeada. Todos conheciam Bagheera e ninguém tinha desejos de se cruzar com ela, porque era tão astuta como Tabaqui, tão ousada como o búfalo selvagem e tão temível como o elefante ferido. Mas tinha a voz tão doce como o mel silvestre que pinga das árvores e a pele mais macia que penugem.